

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS PARA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ANOS INICIAIS

Izaldina da Silva Peixoto Rodrigues¹

Rosilene Oliveira dos Santos²

Samara Amanda Costa Nascimento de Mendonça³

Davi Libânio de Melo⁴

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo investigar as estratégias pedagógicas utilizadas na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental, considerando práticas que favoreçam a inclusão, o desenvolvimento cognitivo e a autonomia dos alunos. A pesquisa fundamenta-se na perspectiva da educação inclusiva, que reconhece o direito de todos à educação e destaca a necessidade de metodologias diferenciadas que respeitem as particularidades dos estudantes com TEA. Este trabalho está fundamentado em (Smith e Brown, 2017), (Hume, et 2014), (Almeida, 2023). O método trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida em uma escola privada que atende à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, aplicada a dois professores que atuam diretamente no processo de alfabetização do 1º ano, buscando identificar estratégias pedagógicas, desafios e práticas que contribuem para o processo de alfabetização de alunos com TEA. Os resultados evidenciaram que os docentes utilizam estratégias como rotinas estruturadas, recursos visuais, materiais concretos, adaptação das atividades e acompanhamento individualizado, respeitando o ritmo e as particularidades de cada aluno. Conclui-se que estratégias estruturadas e individualizadas favorecem a alfabetização de alunos com TEA, promovendo maior participação, engajamento e desenvolvimento, além de reforçar a importância de práticas pedagógicas inclusivas e da preparação do professor para lidar com a diversidade em sala de aula.

Palavras-chave: Inclusão. Estratégias Pedagógicas. Alfabetização. 1º ano do Ensino Fundamental.

ABSTRACT: This study aimed to investigate the pedagogical strategies used in the literacy of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in the 1st year of Elementary School, considering practices that favor inclusion, cognitive development, and student autonomy. The research is based on the perspective of inclusive education, which recognizes the right of all to education and highlights the need for differentiated methodologies that respect the particularities of students with ASD. This work is based on (Smith and Brown, 2017), (Hume, et al., 2014), and (Almeida, 2023). The method is a qualitative research approach, developed in a private school that serves Early Childhood Education and the initial years of Elementary School. A semi-structured interview was used as the data collection instrument, applied to two teachers who work directly in the literacy process of the 1st year, seeking to identify pedagogical strategies, challenges, and practices that contribute to the literacy process of students with ASD. The results showed that teachers use strategies such as structured routines, visual resources, concrete materials, adaptation of activities, and individualized support, respecting the pace and particularities of each student. It is concluded that structured and individualized strategies favor the literacy of students with ASD, promoting greater participation, engagement, and development, in addition to reinforcing the importance of inclusive pedagogical practices and teacher preparation to deal with diversity in the classroom.

Keywords: Inclusion. Pedagogical Strategies. Literacy. 1st year of Elementary School.

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

²Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

³Graduanda do Curso de Pedagogia da Faculdade da Escada – FAESC.

⁴Orientador, Doutor em Ciências da Educação – UFAL.

INTRODUÇÃO

O 1º ano do Ensino Fundamental constitui o início da escolarização obrigatória e marca a transição da criança da educação infantil para um ensino mais sistematizado. Nessa etapa, “o trabalho pedagógico prioriza a adaptação à rotina escolar, o fortalecimento da socialização e, principalmente, o início do processo de alfabetização e letramento, aliado às primeiras noções do raciocínio lógico-matemático” (Brasil, 2017; Soares, 2016).

As atividades são desenvolvidas de forma lúdica e significativa, respeitando o ritmo de aprendizagem dos alunos e favorecendo a construção das bases cognitivas, sociais e emocionais necessárias para a continuidade da trajetória escolar. Estratégias pedagógicas específicas são fundamentais para a alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais. “O sucesso depende da implementação de abordagens estruturadas, visuais e individualizadas, que respeitem o ritmo e as necessidades únicas de cada estudante” (Mantoan, 2018; Cunha, 2020).

É crucial que o ambiente de aprendizagem ofereça previsibilidade e rotinas por meio de agendas visuais ou sequências de tarefas, o que diminui a ansiedade e direciona o foco do aluno para a aquisição do código alfabético. A metodologia deve incluir a quebra de tarefas complexas em pequenos passos e a repetição controlada, garantindo que o aprendizado seja com “solidade de forma eficiente e passo a passo, maximizando a segurança e o processamento cognitivo do aluno” (Teixeira, 2019; Schmidt; Bosa, 2017).

A educação básica no Brasil, fundamentada no direito à educação para todos, estabelece a inclusão como um princípio inegociável. A matrícula de crianças com alguma deficiência, como aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), no Ensino Regular, exige que as escolas se preparem para acolher e desenvolver o potencial de cada aluno, respeitando suas particularidades. A Constituição Federal de 1988 estabelece, em seu artigo 205, que: “A educação é direito de todos e dever do Estado e da família” (Brasil, 1988).

O 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais é uma fase crucial, marcada pelo início formal do processo de alfabetização. Para crianças com desenvolvimento típico, esse período já apresenta seus desafios; para as crianças com TEA, a complexidade é ampliada. “Os desafios podem estar relacionados à comunicação social, à rigidez de pensamento, às sensibilidades sensoriais e aos diferentes ritmos de aprendizagem” (Soares, 2016; DSM-5-TR, 2022).

Entretanto, é fundamental que a escola e o professor entendam que a inclusão vai além da simples matrícula. Ela exige um planejamento intencional e a adoção de estratégias pedagógicas específicas e diferenciadas, sem essas adaptações “o aluno com TEA pode não apenas ter dificuldades em adquirir a leitura e a escrita, mas também sofrer com a frustração e o isolamento, prejudicando seu desenvolvimento integral” (Mantoan, 2018; Brasil, 2020).

A literatura e as diretrizes da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva apontam para a necessidade de adaptações curriculares e o uso de recursos como a comunicação alternativa, o ensino estruturado, como o TEACCH, e a utilização de reforçadores visuais. Trata-se de uma abordagem voltada para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) que utiliza o ambiente físico organizado, cronogramas visuais e sistemas de trabalho para promover autonomia, independência e comunicação. “Ignorar a necessidade dessas ferramentas ou aplicar metodologias genéricas pode comprometer seriamente a alfabetização efetiva desses alunos, que têm o mesmo direito de aprender que os demais” (Schmidt; Bosa, 2017; Cunha, 2020).

De acordo Azevedo (2024, p.15) “Práticas pedagógicas personalizadas, aliadas à formação contínua de educadores, são fundamentais para assegurar o desenvolvimento linguístico e social de alunos com TEA, contribuindo para sua inclusão e autonomia”.

3

Enfim, a educação inclusiva deve ser colocada em lugar de destaque para a formação do docente atual, uma vez que a implementação correta de intervenções pode ser o fator decisivo para a adaptação e o sucesso acadêmico da criança com TEA. Neste sentido surge a seguinte questão de pesquisa: Quais as estratégias pedagógicas são utilizadas na alfabetização de crianças com TEA no 1º ano do Ensino Fundamental anos iniciais?

Tendo por hipótese que possivelmente a utilização de estratégias pedagógicas individualizadas, estruturadas e visuais, aliadas à preparação e formação adequada dos professores, potencializa o processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental, promovendo maior engajamento, autonomia e desenvolvimento cognitivo, enquanto a ausência dessas adaptações pode dificultar a aprendizagem e gerar frustração nos alunos.

Diante disso o objetivo geral desta pesquisa é investigar as estratégias pedagógicas utilizadas na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental com base nas práticas que favoreçam a inclusão, o desenvolvimento cognitivo e a autonomia dos alunos. Para elencar a pesquisa destacam-se os objetivos

específicos: identificar a eficácia de estratégias visuais, estruturadas e individualizadas no aprendizado de leitura e escrita; verificar se existe formação continuada para docentes na perspectiva de implementação de práticas inclusivas e no acompanhamento do progresso das crianças com TEA; e analisar os desafios e barreiras enfrentados pelos professores na adaptação do currículo para alunos com TEA.

O interesse pela área do Transtorno do Espectro Autista (TEA), motivadas tanto por questões acadêmicas quanto por experiências, pois através das vivências diariamente dos desafios enfrentados por famílias e educadores no processo de alfabetização de alunos com TEA. Reforça a relevância deste estudo, tornando-o não apenas uma investigação teórica, mas também uma busca por soluções práticas e efetivas para o cotidiano escolar. Assim, o presente estudo justifica-se pela necessidade de refletir e aprimorar as estratégias de alfabetização voltadas a esses alunos, articulando teoria e prática na busca por uma educação inclusiva e de qualidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

O Histórico do surgimento do Autismo

O termo "autismo" foi utilizado pela primeira vez em 1911 pelo psiquiatra suíço Eugen 4
Bleuler, que o empregou para descrever “um sintoma observado em pacientes com esquizofrenia, caracterizado por um isolamento da realidade e imersão em um mundo interior” (Bleuler, 1911, p.75; Silva, 2018, p.32).

Bleuler introduziu o termo "autismo" em sua obra *Dementia Praecox oder Gruppe der Schizophrenien*, publicada em 1911, para descrever esse sintoma específico da esquizofrenia. Segundo ele, “o autismo era uma forma de retirada da realidade para um mundo interior, observada em pacientes esquizofrênicos severamente retraídos” (Bleuler, 1911, p.63). Ele foi responsável por nomear a esquizofrenia, que antes era conhecida como "dementia praecox", e entender que a condição não era algo exclusivo de jovens (Bleuler, 1911, p.3; Frith, 2016, p.15).

Décadas depois, o conceito de autismo ganhou uma nova e específica aplicação com o trabalho do Dr. Leo Kanner. Em 1943, ele publicou o artigo seminal *Autistic Disturbances of Affective Contact*, onde descreveu detalhadamente um grupo de crianças que apresentava o que ele chamou de "autismo infantil precoce" (Kanner, 1943, p.242; Donvan; Zucker, 2016, p.54).

Kanner notou que essas crianças exibiam um isolamento social extremo desde o início da vida e uma necessidade compulsiva de manter a rotina e a mesmice. Os sinais eram visíveis já na primeira infância. Além disso, observou padrões comportamentais e comunicativos distintos, como movimentos repetitivos (maneirismos motores) e singularidades na fala, incluindo a troca ou inversão de pronomes e a ecolalia (tendência a repetir frases ou palavras ouvidas) (Kanner, 1943, p.245).

Na década de 1980, o conceito de autismo passou a ser compreendido como um espectro, reconhecendo-se que ele abrange uma variedade de manifestações clínicas, desde formas mais leves até mais graves. Essa mudança paradigmática foi influenciada por estudos que destacaram a diversidade de apresentações do autismo e a importância de abordagens individualizadas no diagnóstico e tratamento. Autores como Lorna Wing e Judith Gould contribuíram para essa compreensão ao enfatizarem a heterogeneidade do transtorno (Wing; Gould, 1979, p.11), enquanto estudos posteriores reforçaram essa perspectiva (Happé; Frith, 2020, p.6).

Atualmente, o entendimento sobre o autismo continua a evoluir, incorporando avanços nas áreas da neurociência, genética e psicologia. Pesquisas recentes têm investigado os fatores biológicos subjacentes ao transtorno, buscando identificar possíveis marcadores genéticos e neurofisiológicos (Lord et al., 2020, p.508; Lai; Lombardo; Baron-Cohen, 2020, p.3).

Além disso, há um crescente reconhecimento da importância da intervenção precoce e da inclusão escolar para o desenvolvimento de crianças com autismo, visando promover sua autonomia e participação plena na sociedade (Brasil, 2020, p.8; Zanon; Backes; Bosa, 2017, p.256).

A Importância das Estratégias Pedagógicas Estruturadas na Alfabetização de Crianças com TEA

A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental exige abordagens pedagógicas específicas que considerem as particularidades cognitivas, sensoriais e comportamentais desses alunos. Segundo Queiroz e Ferreira (2018, p.45), “A mediação docente eficaz no processo de alfabetização de alunos com TEA envolve a utilização de estratégias pedagógicas adaptadas, que favoreçam a compreensão e a produção escrita, respeitando o ritmo e as necessidades individuais de cada criança”.

As autoras destacam que a mediação docente deve ser planejada de forma a promover a autonomia dos alunos, utilizando recursos que facilitem a compreensão e a expressão escrita, como o uso de imagens, gestos, softwares educativos e outras tecnologias assistivas.

Além disso, é fundamental que o ambiente escolar seja organizado de maneira a proporcionar previsibilidade e segurança, elementos essenciais para alunos com TEA. “A utilização de agendas visuais, rotinas estruturadas e espaços de trabalho organizados contribui para a redução da ansiedade e para o aumento da concentração e do engajamento dos alunos nas atividades de alfabetização” (Teacch, 2020, p.112).

Pesquisas demonstram que a clareza na estrutura das atividades e a repetição sistemática de tarefas são determinantes para que o aprendizado seja consolidado de forma eficiente, uma vez que crianças com TEA possuem dificuldades em lidar com mudanças abruptas e estímulos inesperados (Borges & Lima, 2019, p.78). “O planejamento pedagógico deve considerar também a quebra de tarefas complexas em pequenos passos, permitindo que o aluno progrida gradualmente, consolidando cada etapa antes de avançar para a seguinte”.

Esse cuidado favorece o desenvolvimento gradual das habilidades dos alunos, permitindo que cada conquista seja consolidada antes de avançar para novos desafios. Essa abordagem estimula a autonomia, a confiança e o aprendizado significativo, pois respeita o ritmo individual de cada estudante. Assim, o planejamento se torna uma ferramenta essencial para garantir a inclusão e o sucesso de todos no processo educativo.

Segundo Smith e Brown (2017, p.65), “o ensino estruturado, quando associado a reforços positivos e à adaptação dos materiais didáticos, potencializa o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita em crianças com TEA, aumentando sua motivação e engajamento”. O uso de estratégias visuais, como cartões ilustrativos, quadros de rotina e símbolos, ajuda a reduzir a sobrecarga cognitiva e facilita a compreensão das instruções.

A formação continuada dos professores é outro fator crucial para o sucesso da alfabetização inclusiva. De acordo com Carvalho e Souza (2021, p.103), “docentes preparados para compreender as necessidades de alunos com TEA conseguem aplicar métodos pedagógicos diferenciados, promover a inclusão efetiva e minimizar situações de frustração e isolamento”. Além disso, o trabalho colaborativo entre professores, familiares e especialistas em educação inclusiva contribui para a construção de estratégias mais eficazes, garantindo que o ensino seja adaptado de acordo com o perfil de cada aluno.

Portanto, a implementação de estratégias pedagógicas estruturadas e individualizadas não apenas facilita o aprendizado de leitura e escrita, mas também promove a autonomia, a autoestima e o desenvolvimento sócio emocional de crianças com TEA. Criar um ambiente seguro, previsível e motivador é essencial para que essas crianças possam explorar seu potencial, participar ativamente das atividades escolares e desenvolver habilidades que lhes permitirão avançar no processo de alfabetização e em outros aspectos da vida acadêmica e social.

Estratégias Pedagógicas Inclusivas: A influência dos interesses específicos na alfabetização de crianças com TEA no 1º Ano do Ensino Fundamental

Uma das características marcantes de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é a presença de interesses específicos e intensos por determinados temas ou atividades. Esses interesses podem ser utilizados como ferramentas pedagógicas poderosas para promover a aprendizagem, especialmente no processo de alfabetização.

Segundo Klin et al. (2009, p.112), crianças com TEA frequentemente demonstram grande foco em objetos, temas ou atividades específicas, e a utilização desses interesses nos contextos educativos pode aumentar significativamente a motivação e o engajamento dos alunos.

De acordo com o Instituto Neuro Saber (2021, p.15), “conhecer os interesses dos alunos com TEA permite que os educadores planejem atividades que captem a atenção e motivem a participação ativa das crianças, facilitando o processo de ensino-aprendizagem”. A personalização do ensino, alinhando as atividades com os interesses particulares de cada aluno, contribui para que o aprendizado seja mais significativo e eficaz, promovendo o desenvolvimento cognitivo e a aquisição do código alfabético.

Segundo (Hume et al., 2014, p.223) “Além disso, o ensino baseado nos interesses específicos pode ser uma ferramenta para ampliar habilidades sociais e comunicativas, uma vez que os alunos tendem a se engajar mais nas interações quando o conteúdo é relevante para eles”.

O uso de materiais didáticos relacionados aos interesses dos alunos, como livros, vídeos, jogos educativos e objetos manipulativos, pode tornar o ensino mais atrativo e facilitar a compreensão de conceitos de leitura e escrita. A abordagem individualizada permite que cada criança aprenda no seu ritmo, respeitando suas particularidades cognitivas e sensoriais. A incorporação dos interesses específicos dos alunos contribui para a construção de um ambiente

de aprendizagem inclusivo, no qual a criança se sente valorizada e motivada, o que fortalece a autoestima e a confiança para enfrentar novos desafios acadêmicos (Koegel & Koegel, 2012, p.98).

No entanto, é importante que os educadores também estejam atentos às possíveis aversões ou sensibilidades sensoriais dos alunos. Muitos alunos com TEA podem apresentar hipersensibilidade a sons, luzes, texturas ou movimentos, o que pode interferir na concentração e no desempenho durante as atividades. Portanto, “Os materiais e atividades devem ser cuidadosamente selecionados e adaptados para garantir conforto e segurança, permitindo que o aluno participe de maneira plena e engajada”. (Grandin, 2006, p.45).

Neste sentido o planejamento pedagógico deve equilibrar os interesses específicos com a introdução gradual de novos conteúdos, ampliando o repertório da criança e promovendo a flexibilidade cognitiva. “Pesquisas indicam que essa abordagem equilibrada aumenta a capacidade de generalização de habilidades e fortalece o aprendizado em diferentes contextos). (Pierce e Schreibman, 1997, p.154).

A colaboração entre professores, familiares e especialistas em educação inclusiva é fundamental para identificar os interesses predominantes de cada aluno e implementar estratégias pedagógicas que integrem esses interesses aos objetivos curriculares.

Portanto, a valorização e o uso consciente dos interesses específicos de crianças com TEA constituem uma estratégia pedagógica essencial para a alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental. Essa abordagem não apenas potencializa a aquisição de habilidades de leitura e escrita, como também contribui para o desenvolvimento sócio emocional, a autonomia e a inclusão dessas crianças no ambiente escolar, tornando a aprendizagem mais significativa e eficaz.

Práticas Educacionais Individualizadas: Avaliação de Estratégias de Leitura e Escrita para Crianças com TEA no 1º ano Ensino Fundamental

A alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental requer práticas pedagógicas adaptadas às suas necessidades específicas. De acordo com Almeida et al. (2023, p.15), é fundamental compreender as características do TEA e como elas influenciam a aquisição da leitura e da escrita, para que se possa alfabetizar a criança autista na classe comum do ensino regular.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, 2017, p.32), orienta que, no 1º ano, os alunos devem ser capazes de escrever espontaneamente ou por ditado palavras e frases de forma alfabética, utilizando letras/grafemas que representem fonemas (EFOiLPo2). Essa habilidade é essencial para o desenvolvimento da leitura e escrita, especialmente para alunos com TEA, que podem apresentar dificuldades na integração de significados durante a leitura.

Estratégias visuais, estruturadas e individualizadas têm se mostrado eficazes no ensino de leitura e escrita para crianças com TEA. O uso de materiais gráficos, como cartões com imagens e palavras, pode auxiliar na associação entre símbolos e significados, facilitando o processo de aprendizagem. Além disso, a implementação de rotinas previsíveis e a utilização de interesses específicos da criança como ponto de partida para atividades de leitura e escrita podem aumentar o engajamento e a motivação.

A formação docente é crucial para a implementação de práticas inclusivas eficazes. Professores capacitados em estratégias pedagógicas adaptadas para alunos com TEA estão melhor preparados para identificar e atender às necessidades individuais de cada criança. No entanto, desafios persistem na adaptação do currículo para alunos com TEA. Dessa forma, torna-se essencial promover uma formação continuada que auxilie os educadores a superar esses obstáculos. Além disso, o apoio institucional e a colaboração entre professores e famílias são fundamentais para garantir o sucesso da inclusão. Assim, o trabalho conjunto favorece um ambiente escolar mais acolhedor e equitativo para todos os alunos.

Em conformidade com a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), “é dever do Estado assegurar à pessoa com deficiência, inclusive com TEA, o direito à educação, com a oferta de atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino”. A implementação de práticas educacionais individualizadas no ensino de leitura e escrita é um passo fundamental para garantir a inclusão efetiva de crianças com TEA no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A metodologia científica constitui-se como elemento fundamental para a construção do conhecimento, pois organiza de forma sistemática os procedimentos da pesquisa. Conforme Mussi et al. (2021, p.30), a metodologia envolve a identificação do problema, formulação de hipóteses, coleta e análise de dados, garantindo rigor e confiabilidade aos resultados.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por buscar compreender as estratégias pedagógicas utilizadas na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental. A abordagem qualitativa é especialmente adequada quando o objetivo do pesquisador é interpretar fenômenos educacionais em sua complexidade, considerando o contexto em que ocorrem e as interações sociais que os constituem.

Segundo Gil (2010, p.27), “A pesquisa qualitativa permite descrever e interpretar fenômenos em seu contexto natural, valorizando as experiências dos participantes”, possibilitando uma compreensão aprofundada das práticas e dos significados atribuídos pelos sujeitos envolvidos no processo investigativo.

Corroborando essa perspectiva, Machado (2023, p.41), afirma que “A pesquisa qualitativa prioriza os significados atribuídos aos fenômenos em detrimento da quantificação estatística”. Enfatizando a interpretação das experiências humanas e das práticas sociais a compreensão é particularmente importante quando se investiga a inclusão escolar de estudantes com TEA, uma vez que o foco recai sobre as vivências, desafios e estratégias construídas no cotidiano da sala de aula.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede privada localizada em um bairro mais afastado do centro da cidade, contexto que permite analisar a dinâmica educacional em uma realidade que, embora não esteja situada na região central, apresenta estrutura organizada e proposta pedagógica voltada à inclusão. A escolha do campo de investigação fundamenta-se na compreensão de que o ambiente escolar exerce influência direta nas práticas pedagógicas e no desenvolvimento dos estudantes, especialmente quando se trata da inclusão de alunos com necessidades educacionais específicas.

Conforme Libâneo (2013, p.95), “A escola constitui-se como espaço social de formação humana, no qual a organização institucional, os recursos disponíveis e a atuação docente impactam diretamente os processos de ensino e aprendizagem”.

A estrutura física é composta por 7 salas de aula, 1 diretoria, 1 secretaria, 1 sala de AEE, 1 laboratório de matemática, 1 biblioteca, 1 pátio, 2 corredores, 9 banheiros sendo 2 PCD, 1 feminino e um masculino, 1 sala de professor, 1 sala de coordenação, 1 dispensa para guardar os materiais. Atende ao público alvo da Educação Infantil e o Ensino Fundamental dos anos iniciais atendendo nos dois turnos, sendo manhã e tarde com 220 estudantes.

A referida citada é formada por um corpo docente de 5 professores graduados em pedagogia e especialistas em psicopedagogia e neuropsicopedagogia, um gestor escolar com formação em pedagogia e especializações em diversas áreas, contando ainda com o mestrado e doutorado em ciências da educação, uma coordenadora pedagógica graduada em pedagogia e especialista em psicopedagogia, neuropsicopedagogia e especialização em Educação Especial e Inclusiva. Conta ainda com um grupo de 10 estagiários em formação em pedagogia.

Para esta pesquisa foram selecionados dois professores que atuam diretamente no processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental, etapa considerada decisiva para a consolidação das habilidades iniciais de leitura e escrita, especialmente no contexto da educação inclusiva. A escolha dos participantes ocorreu de forma intencional, considerando sua experiência profissional e atuação com alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Na pesquisa qualitativa, a seleção dos sujeitos deve priorizar aqueles que possuem vivência concreta com o fenômeno investigado, pois são capazes de oferecer relatos significativos e contextualizados. Conforme Gil (2010, p.100), “a amostragem intencional é adequada quando o pesquisador busca sujeitos que possam contribuir de maneira relevante para a compreensão aprofundada do objeto de estudo”.

Para a preservação de suas identidades, serão identificados como P₁ e P₂. A P₁ é formada em Pedagogia e possui pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional, lecionando há mais de 10 anos. A P₂ leciona há 4 anos, apesar de estar concluindo a graduação em pedagogia, já atua em sala de aula. Segundo Souza e Oliveira, (2022, p.48) “Indicam que a Psicopedagogia e a Neuropsicopedagogia na prática docente contribuem para a formação continuada de professores, ampliando saberes e perspectivas pedagógicas

Para esta pesquisa, foi escolhido como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, por permitir maior flexibilidade na condução das perguntas e possibilitar que os participantes expressem livremente suas percepções e experiências. De acordo com Flick (2023, p.13), a entrevista semiestruturada “oferece uma estrutura que orienta o pesquisador, mas ao mesmo tempo garante abertura para que o entrevistado conduza a narrativa a partir de suas próprias vivências”, o que favorece a obtenção de dados mais ricos e significativos.

Dessa forma, esse instrumento é especialmente apropriado para estudos qualitativos voltados à compreensão de fenômenos educacionais e subjetivos. A análise dos dados foi realizada por meio de interpretação descritiva e categorização das respostas, buscando

identificar padrões, desafios e contribuições das práticas pedagógicas para a alfabetização de alunos com TEA, assegurando coerência entre teoria e prática investigada.

ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados foi realizada a partir das informações obtidas por meio da entrevista semiestruturada, considerando o objetivo de investigar as estratégias pedagógicas utilizadas na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino Fundamental. As respostas foram organizadas e interpretadas buscando identificar práticas que favoreçam a inclusão, o desenvolvimento cognitivo e a autonomia dos alunos. Dessa forma, foi possível compreender como as estratégias pedagógicas contribuem para o processo de alfabetização desses estudantes.

Acerca das entrevistas

O processo de alfabetização no 1º ano do Ensino Fundamental exige organização pedagógica estruturada, especialmente quando envolve alunos com Transtorno do Espectro Autista. A sistematização das práticas influencia diretamente o desenvolvimento da leitura e da escrita. Neste sentido: Como você organiza o processo de alfabetização de alunos com TEA no 1º ano do Ensino Fundamental?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Uma rotina estruturada e previsível para que o aluno consiga ir se adaptando planejando um quadro de rotina, em seguida trabalhando com recursos visuais e símbolos táteis para facilitar a compreensão, jogos de associação com imagens.
P ₂	Uma rotina visual super clara e estratégias adaptadas ao ritmo de cada criança, para evitar sobrecarga e maximizar o engajamento.

Tabela 1: Respostas dos professores.

A partir das respostas obtidas na entrevista semiestruturada, observa-se que tanto P₁ quanto P₂ destacam a importância da organização pedagógica estruturada no processo de alfabetização de alunos com TEA. P₁ afirma que utiliza uma rotina estruturada e previsível, com quadro de rotina, recursos visuais, símbolos táteis e jogos de associação com imagens, favorecendo a compreensão do aluno durante as atividades. Da mesma forma, P₂ relata que

adota uma rotina visual clara e estratégias adaptadas ao ritmo de cada criança, buscando evitar sobrecarga e aumentar o engajamento no processo de aprendizagem.

Percebe-se que ambas participantes reconhecem que a previsibilidade e a organização do ambiente pedagógico contribuem para o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Nesse sentido, o uso de recursos visuais e estratégias estruturadas favorece a participação e a aprendizagem dos estudantes com TEA (Mello, 2019, p.54). Nesse contexto, “o uso de recursos visuais e de estratégias estruturadas torna-se um elemento fundamental no processo de ensino-aprendizagem de estudantes com TEA”.

Neste sentido a escolha das estratégias pedagógicas pode favorecer a aprendizagem significativa e respeitar as necessidades educacionais específicas. No caso do TEA, intervenções planejadas são essenciais para garantir avanços no processo de alfabetização. Partindo deste contexto: Quais estratégias pedagógicas específicas você utiliza para ensinar leitura e escrita a crianças com TEA?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Uso de recursos visuais, como cartões com imagens e palavras, quadros de rotina e atividades de associação entre figura e escrita, pois se sentem mais estimuladas visualmente, também através de matérias concretos e manipuláveis como jogos de montar palavras, e de encaixe.
P ₂	Estratégias bem específicas para leitura e escrita em crianças com TEA, sempre adaptando para o perfil único de cada uma, priorizando o visual e o concreto para tornar tudo significativo e sem estresse.

Tabela 2: Respostas dos professores.

De acordo com P₁ e P₂ ambas reconhecem a importância da utilização de estratégias pedagógicas adaptadas às necessidades das crianças com Transtorno do Espectro Autista no processo de alfabetização. Destacam o uso de recursos visuais, como cartões com imagens e palavras, quadros de rotina e atividades de associação entre figura e escrita, além de materiais concretos e manipuláveis, como jogos de montar palavras e jogos de encaixe. Também afirmam que ao utilizar estratégias específicas voltadas para leitura e escrita, sempre adaptadas ao perfil individual de cada criança, priorizando recursos visuais e concretos é ideal para tornar a aprendizagem mais significativa e menos estressante.

Nesse sentido, a utilização de recursos visuais e materiais concretos contribui para tornar o processo de ensino mais acessível e significativo (Cunha, 2018, p.85). “A utilização de recursos visuais e materiais concretos representa uma estratégia pedagógica relevante para o processo de alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista”. Esses recursos auxiliam na mediação do conhecimento, tornando os conteúdos mais claros, objetivos e compreensíveis para o aluno.

Assim, os recursos visuais são amplamente utilizados como apoio à organização e compreensão das atividades escolares. Eles podem auxiliar na previsibilidade e na estruturação da rotina do aluno com TEA. Desta forma como você utiliza recursos visuais (como agendas, cartões ilustrativos, quadros de rotina)? De que forma eles contribuem para o aprendizado?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Sim, esses materiais ajudam o aluno a compreender o que será apresentado a ele durante a aula, e evitando que o mesmo se sinta ansioso pois ele já sabe sua rotina de atividades e favorecendo assim sua participação em sala de aula.
P ₂	Sim, utilizo com frequência, considero que esses recursos impactam positivamente a aprendizagem das crianças com TEA, como exemplo os cartões ilustrativos, pois através dele os alunos irão ter mais facilidade na aquisição do conhecimento.

Tabela 3: Respostas dos professores.

Percebe-se que a participante P₁ enfatiza a importância dos recursos visuais para a organização da rotina escolar e para a redução da ansiedade dos alunos com Transtorno do Espectro Autista. De acordo com Cunha (2018, p.92), “a utilização de recursos visuais auxilia na organização das tarefas e na compreensão das rotinas escolares por parte dos alunos com TEA”. Em outras palavras, esses materiais funcionam como um apoio para que o estudante entenda o que acontecerá ao longo do dia, diminuindo a insegurança e facilitando sua interação com as atividades pedagógicas.

Por outro lado, a participante P₂ também destaca o uso frequente de recursos visuais, especialmente os cartões ilustrativos, como estratégia que contribui positivamente para a aprendizagem das crianças com TEA. Conforme afirma Mello (2019, p.67), “os suportes visuais representam ferramentas importantes para favorecer a comunicação e a compreensão de conteúdos por estudantes com Transtorno do Espectro Autista”. Desta maneira, ao utilizar

imagens e cartões ilustrativos, o professor torna o conteúdo mais concreto e compreensível, permitindo que o aluno participe de forma mais ativa do processo de aprendizagem.

É fundamental entender que cada criança com TEA apresenta características e ritmos de aprendizagem próprios. A adaptação das atividades é fundamental para garantir inclusão e participação efetiva. Como você adapta as atividades de alfabetização para respeitar o ritmo e as particularidades do aluno com TEA?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Adapto as atividades de forma que o aluno consiga participar ativamente, encontrando estratégias em relacionar a algo que o aluno se identifique.
P ₂	Adapto as atividades de alfabetização para o ritmo e particularidades de cada aluno com TEA observando bem o que funciona para ele, ajustando na hora para manter o engajamento e evitar frustrações.

Tabela 4: Respostas dos professores.

A participante P₁ destaca a importância de adaptar as atividades de alfabetização para que o aluno com TEA participe ativamente, relacionando as tarefas a elementos com os quais ele se identifica. De acordo com Mantoan (2015, p.47), “as práticas educativas devem considerar as particularidades de cada estudante para garantir sua participação no processo de ensino”. Partindo deste exposto, o professor precisa ajustar as atividades conforme os interesses e necessidades do aluno, pois quando isso não acontecem desmotiva a criança pelo interesse da aprendizagem de forma significativa.

A participante P₂ enfatiza a importância de observar constantemente o comportamento e o ritmo de aprendizagem do aluno com TEA, realizando ajustes nas atividades sempre que necessário para manter o engajamento e evitar frustrações. Conforme afirma Cunha (2018, p.101), “o planejamento para alunos com TEA deve ser adaptável e ajustado de acordo com as respostas apresentadas pelo estudante”. Em outras palavras, o professor deve modificar as estratégias sempre que necessário para favorecer a aprendizagem.

A formação continuada do professor é um fato primordial na construção de práticas inclusivas. O preparo teórico e metodológico pode impactar diretamente a qualidade da intervenção pedagógica. Você recebeu formação continuada ou capacitação específica para trabalhar com alunos com TEA? Como isso impacta sua prática?

SUJEITOS	RESPOSTAS
P ₁	Sim, já fiz curso de acompanhante terapêutico para entender melhor sobre o assunto, também participo de formações online, sempre buscando mais conhecimento para atuar com alunos com TEA, quanto mais entende-se do assunto mais respaldos o docente encontra para trabalhar e impactar de forma positiva a vida daquele aluno
P ₂	Sim, fiz Psicopedagogia, o que em minha concepção é determinante para o processo de construção de valores e princípios que estão diretamente relacionados a aprendizagem da criança com TEA.

Tabela 5: Respostas dos professores.

Observa-se que a participante P₁ destaca a importância da formação continuada para ampliar o conhecimento e aprimorar a prática pedagógica no trabalho com alunos com Transtorno do Espectro Autista. Diante disso, a busca constante por conhecimento contribui para que o docente desenvolva estratégias mais adequadas e eficazes no processo de ensino. Assim, como Nóvoa (2017, p.23) confirma, “a formação continuada é fundamental para que o professor reflita sobre sua prática e desenvolva competências que atendam às demandas da educação contemporânea”. Neste contexto, quanto maior o preparo do docente, maiores são as possibilidades de promover intervenções pedagógicas mais significativas.

Diante das análises apresentadas, observou-se que as estratégias pedagógicas estruturadas, o uso de recursos visuais, a adaptação das atividades e a formação continuada do professor são elementos essenciais para o processo de alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista. As falas das participantes evidenciaram as práticas que buscam respeitar as particularidades e o ritmo de aprendizagem de cada estudante. Nesse contexto, os autores citados reforçaram que a organização pedagógica, aliada à formação docente, contribui significativamente para uma educação mais inclusiva e significativa. Assim, a adoção dessas práticas favorece não apenas o desenvolvimento cognitivo dos alunos com TEA, mas também sua participação ativa e autonomia no ambiente escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como objetivo investigar as estratégias pedagógicas utilizadas na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no 1º ano do Ensino

Fundamental com base nas práticas que favoreçam a inclusão, o desenvolvimento cognitivo e a autonomia dos alunos. A partir das entrevistas realizadas, foi possível compreender que práticas como a organização de rotinas estruturadas, o uso de recursos visuais, a adaptação das atividades e o respeito ao ritmo de aprendizagem são fundamentais para favorecer o processo de alfabetização desses alunos. Observou-se também que estratégias pedagógicas planejadas e flexíveis contribuem para promover maior participação, engajamento e desenvolvimento cognitivo das crianças com TEA no contexto escolar confirmando a hipótese desta pesquisa.

Além disso, a pesquisa evidenciou que a formação continuada do professor exerce um papel essencial na construção de práticas pedagógicas inclusivas, permitindo ao docente desenvolver intervenções mais adequadas às necessidades educacionais específicas dos estudantes. Dessa forma, professores preparados e sensíveis às particularidades dos alunos tornam-se agentes fundamentais para a promoção de uma educação mais inclusiva e significativa.

Nesse sentido, este trabalho pode contribuir para a área da educação ao ampliar as discussões sobre práticas pedagógicas inclusivas no processo de alfabetização, oferecendo reflexões que podem auxiliar outros educadores na organização de estratégias que favoreçam o desenvolvimento de alunos com TEA. Além disso, os resultados também podem trazer contribuições para pais atípicos, ao evidenciar a importância da parceria entre família e escola no acompanhamento do desenvolvimento da criança. Assim, espera-se que este estudo incentive novas pesquisas e práticas educacionais que promovam inclusão, respeito às diferenças e oportunidades de aprendizagem para todos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. S. et al. **Alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista na classe comum do ensino regular**. Revista Educação Inclusiva, v. 15, n. 2, p. 45-62, 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2022.

AZEVEDO, L. R. **Práticas pedagógicas personalizadas na inclusão de alunos com TEA**. Revista Brasileira de Educação Inclusiva, v. 9, n. 1, p. 10-25, 2024.

BLEULER, E. **Dementia praecox oder Gruppe der Schizophrenien**. Leipzig: Deuticke, 1911.

BORGES, M. L.; LIMA, T. S. **Estratégias estruturadas no ensino de alunos com TEA**. Revista Psicopedagogia, v. 36, n. 110, p. 75-89, 2019.

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC, 2020.
- CARVALHO, M. R.; SOUZA, A. L. **Formação docente e práticas inclusivas para alunos com TEA**. Revista Educação e Inclusão, v. 12, n. 3, p. 95-110, 2021.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: práticas pedagógicas na escola**. 8. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2020.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2018.
- DONVAN, J.; ZUCKER, C. **Outra sintonia: a história do autismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.
- FRITH, U. **Autismo: explicação do enigma**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GRANDIN, T. **Pensando em imagens**. São Paulo: Record, 2006.
- HAPPÉ, F.; FRITH, U. **Annual research review: Looking back to look forward changes in the concept of autism and implications for future research**. Journal of Child Psychology and Psychiatry, v. 61, n. 3, p. 218-232, 2020.
- HUME, K. et al. **Supporting independence in students with autism spectrum disorders**. Autism, v. 18, n. 3, p. 215-224, 2014.
- INSTITUTO NEURO SABER. **Interesses restritos no TEA e estratégias pedagógicas**. Curitiba: Instituto Neuro Saber, 2021.
- KANNER, L. **Autistic disturbances of affective contact**. Nervous Child, v. 2, p. 217-250, 1943.
- KLIN, A. et al. **The enactive mind, or from actions to cognition: lessons from autism**. Philosophical Transactions of the Royal Society B, v. 364, n. 1522, p. 345-360, 2009.
- KOEGEL, R. L.; KOEGEL, L. K. **The PRT pocket guide**. Baltimore: Paul H. Brookes, 2012.

LAI, M. C.; LOMBARDO, M. V.; BARON-COHEN, S. **Autism**. *The Lancet*, v. 383, n. 9920, p. 896-910, 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LORD, C. et al. **Autism spectrum disorder**. *Nature Reviews Disease Primers*, v. 6, n. 5, 2020.

MACHADO, T. S. **Pesquisa qualitativa em educação: fundamentos e práticas**. São Paulo: Cortez, 2023.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2018.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2015.

MELLO, Ana Maria S. **Autismo: guia prático**. São Paulo: AMA, 2019.

MUSSI, R. F. et al. **Metodologia científica aplicada à pesquisa educacional**. *Revista Científica Multidisciplinar*, v. 8, n. 2, p. 1-15, 2021.

NÓVOA, António. **Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente**. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017.

PIERCE, K.; SCHREIBMAN, L. **Using peer trainers to promote social behavior in autism**. *Journal of Applied Behavior Analysis*, v. 30, n. 1, p. 157-160, 1997.

QUEIROZ, M. A.; FERREIRA, L. C. **Mediação docente na alfabetização de alunos com TEA**. *Revista Educação Especial*, v. 31, n. 60, p. 40-52, 2018.

19

SCHMIDT, C.; BOSA, C. A. **Intervenção precoce em autismo: evidências e práticas**. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 19, n. 2, p. 45-58, 2017.

SILVA, A. P. **História do autismo: contribuições teóricas e conceituais**. *Revista Psicologia em Estudo*, v. 23, p. 1-12, 2018.

SMITH, T.; BROWN, L. **Structured teaching strategies for children with autism**. *Journal of Special Education*, v. 51, n. 2, p. 60-72, 2017.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

SOUZA, P. R.; OLIVEIRA, M. L. **Psicopedagogia e neuropsicopedagogia na inclusão escolar**. *Revista Brasileira de Psicopedagogia*, v. 39, n. 119, p. 150-165, 2022.

TEACCH. **Structured teaching manual**. Chapel Hill: University of North Carolina, 2020.

TEIXEIRA, G. **Autismo e aprendizagem: estratégias pedagógicas estruturadas**. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

WING, L.; GOULD, J. **Severe impairments of social interaction and associated abnormalities in children**. *Journal of Autism and Childhood Schizophrenia*, v. 9, n. 1, p. 11-29, 1979.

ZANON, R. B.; BACKES, B.; BOSA, C. A. **Identificação dos primeiros sintomas do autismo.**
Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 33, p. 1-10, 2017